

# ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS PARA A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Mikaylson Rocha da Silva<sup>1</sup>  
Almir Anacleto de Araújo Gomes<sup>2</sup>  
Rubens Marques de Lucena<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A Sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico desde um ponto de vista sociológico. Deste modo, estudos variacionistas têm como premissa básica os fatores sociais e linguísticos, tais como: idade, sexo, tempo de residência, contexto fonológico e dentre outros fatores.

Desta maneira, a sociolinguística se constitui como uma disciplina que estuda a língua e sua relação com a sociedade e a cultura. Essas relações podem se configurar em três direções: a influência da sociedade na língua, a variação de fenômenos socioculturais e linguísticos e a influência da língua na sociedade.

Tendo em vista a importância que a comunidade de fala ganhou para os estudos da Sociolinguística Variacionista, Gumperz (1986) delinea a importância da comunidade de fala para os estudos da linguagem, ao dizer que as comunidades de fala variam em seu grau e natureza da relação linguística entre as variáveis intracomunitárias e é esta a principal relação responsável pela mudança social e a mais reveladora de todo tipo de informação social.

Embora haja um número significativo de estudos relacionados à atitude linguística no âmbito acadêmico internacional (LAMBERT, 1967; GILES et al, 2010 [1991]; FERNÁNDEZ, 1998; COUPLAND, 2007), ainda há certa escassez de trabalhos no que concerne a esse fenômeno nas variedades do português brasileiro. Nos últimos anos, contudo, pesquisas como as de Lopes (2012),

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pelo PROLING-UFPB. Atualmente é aluno do curso de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB).

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pelo PROLING-UFPB. Atualmente é aluno do curso de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB).

<sup>3</sup> Doutor em Linguística e professor da Universidade Federal da Paraíba, lotado no Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DLEM/UFPB).

Chacon (2012), Lima (2013) e dentre outros pesquisadores, propuseram a analisar o processo de acomodação linguística em falantes do português brasileiro e avaliações atitudinais de ouvintes nativos quanto às variações locais no estilo jornalístico de comunicação.

Considerando a relevância desse estudo para a área acadêmica da sociolinguística variacionista, acreditamos que as atitudes linguísticas são como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, portanto, não podem ser tomadas como explicitam os autores Oliva e Serrano (*apud* LOPES, 2012, p. 26) “como uma mera série de escolhas, mais ou menos automáticas realizadas pelo falante”, mas como possibilidades em detrimento ao impacto que essas escolhas acabam gerando no interlocutor. De modo geral, as atitudes estão basicamente ligadas à escolha linguística de um significado particular (LOPES, 2012).

Dessa maneira, tendo em vista que esta pesquisa é de caráter qualitativo e que visa teorizar e esclarecer o papel das atitudes no que diz respeito à relação língua, sujeito e sociedade, esta pesquisa terá como objetivo geral analisar alguns estudos já realizados sobre o papel das atitudes linguísticas no Português Brasileiro (PB) em situação de contato dialetal, variação ou suavização de registro em uma comunidade de fala.

Observamos, por fim, a relevância em estudar fenômenos como este aqui em pauta, que atravessam questões atitudinais de sujeitos quanto à variedade do dialeto de origem, de contato ou quanto à variação oral de algum registro de uma comunidade de fala ou de uma comunidade de prática. É pertinente também ressaltar que os estudos em atitudes podem esclarecer as variáveis de controle de pesquisas na sociolinguística, como foi o caso dos trabalhos realizados por Barbosa (2002), Aguilera (2008), Chacon (2012) e Silva (2016), e também nos estudos da sociofonética e em percepção dialetal, que temos contribuições como as de Lopes (2012), Clopper (2001) e Clopper & Pisoni (2004b) e dentre outros estudos.

## 1. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA SOBRE AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos em atitudes linguísticas se tornaram cada vez mais relevantes, pois como bem afirmam os autores que desenvolveram os estudos em atitude linguística, Lambert (1967), Fernández (1998), Coupland (2007) e Giles et al. (1992; 2010), as atitudes são consideradas aspectos *psicossociais* expressados pelo indivíduo de maneira positiva ou negativa, e que corroboram para a convergência ou divergência no processo de acomodação dialetal.

A ciência que se ocupa desses aspectos teóricos de atitudes é a *sociopsicologia*. No entanto, na Sociolinguística, as atitudes são tomadas como parâme-

tros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade.

Considerando as atitudes dialetais como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, Lopes (2012) acredita que determinados padrões de uma língua estão imbuídos de estereótipos de fala, os quais os falantes percebem, processam, avaliam e julgam determinado comportamento linguístico.

Para Kaufmann (2011, p.122), a atitude linguística “é um estado mental neutral de prontidão, organizado a partir de experiências e exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todas as situações ali envolvidas”. Assim, compreendemos que as atitudes são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à acomodação a um dialeto.

Assim, é necessário afirmar que os estudos de atitudes não podem ser tomados como explicações generalizadas sobre determinado comportamento linguístico. Estudos em atitudes podem prever uma correlação entre o objeto em que se pretende estudar e padrões gerais de comportamento linguístico. Isto é, a relação entre atitude e comportamento só é compatível quando se avalia a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, mas não a relação atitudinal quanto à meta que se pretende investigar do comportamento (KAUFMANN, 2011).

Para Kaufmann (2011), a incoerência entre o objeto de atitudes e um determinado comportamento pode gerar alguns *insights* para explicar a variação em determinada comunidade de fala. A autora ainda ressalta que “Apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que fazem (comportamento linguístico)” (KAUFMANN, 2011, p.125).

Outro parâmetro relevante a se considerar nesta pesquisa é quando a consciência linguística estiver intimamente ligada à consciência sociolinguística, onde as crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Assim, segundo Bourdieu (1999), quanto mais plural for o conhecimento cultural e social, e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico.

Assim, se levarmos em consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valores serão amenizados pela consciência social coletiva; portanto, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser amenizados. Deste modo, quanto maior for o mercado linguístico, ou seja, o trânsito des-

ses falantes entre comunidades de fala, maior será a possibilidade de os colaboradores em uma pesquisa sociolinguística em entender que não há falares “agramaticais”.

No âmbito doméstico, há pesquisas na Sociolinguística Variacionista, tais como as dissertações de mestrado de Lima (2013) e Chacon (2012), que tiveram em comum a análise da fricativa /s/ em posição de coda silábica. A realização desse segmento segue acompanhada por comportamentos que podem ser positivos, negativos, de aceitação e de rechaço quanto à nova realidade dialetal a que seus respectivos informantes estavam sendo expostos. No estudo de Lima (2013), a autora admite que as atitudes positivas acabam forjando uma tendência à palatalização por falantes paraibanos residentes em Recife. Pois no contexto anterior às oclusivas /t/ e /d/, esse segmento se torna palatal no dialeto paraibano. Em Recife, a palatalização é motivada também em outros contextos fonológicos, tais como por consoantes labiais, coronais e dorsais.

As atitudes linguísticas foram também objetos de estudo para Chacon (2012) e Silva (2016), que investigaram a produção da coronal /s/ antes de /t/ e /d/ em situação de acomodação dialetal por falantes paulistas residentes em João Pessoa, e por falantes paraibanos residentes em São Paulo, respectivamente.

Outro estudo relevante sobre as atitudes é a tese de doutorado de Lopes (2012), na qual o autor chegou à conclusão que os ouvintes perceberam e avaliaram as diferenças entre traços linguísticos em padrão de sotaque suavizado e regional na fala de telejornalista profissional. De maneira geral, a pesquisa revela que os ouvintes tinham preferência à fala sem características de sotaque regional na fala de profissional da comunicação social.

Na pesquisa de Lopes (2012), foram avaliadas: a palatalização do /s/ em coda medial, monotongação, palatalização das dentais, assimilação da dental e harmonização vocálica. Essas pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro servem como parâmetros de contribuições para o campo de estudo das atitudes linguísticas na Sociolinguística. De todo modo, a Teoria da Acomodação afirma que a convergência e divergência ao dialeto estão condicionadas a vários fatores sociais, linguísticos e *psicossociais*, e neste último caso, as atitudes são variáveis relevantes para explicar o fenômeno de acomodação dialetal.

Diante disso, Giles et al. (*apud* CHACON, 2012, p.37) argumentam sobre o valor simbólico que variáveis linguísticas carregam: “tanto a convergência quanto a divergência podem ser positivas ou negativas [...]”, pois estão ligadas a questões emocionais. Assim, as atitudes nos estudos de dialetologia, podem influenciar um falante a mudar sua forma de falar por questões de valorização da linguística do dialeto em contato, ou vice-versa.

No universo da linguística, podem ser observadas a partir do que o sociólogo Pierre Bourdieu postulava como “mercado linguístico”, ao afirmar que existe um mercado linguístico em que a competência funciona como capital, na qual possibilita um sistema de trocas simbólicas dentro do universo social, e essas trocas são mediadas por valores arbitrários do uso da língua e da localização de grupos socialmente providos de estratos “dominantes” sobre grupos “dominados”. Assim sendo, o poder faz as pessoas julgarem o *lugar do Outro*, desconsiderando o dialeto de menor prestígio como uma possibilidade linguística para a comunicação interpessoal.

Para Fernández (1998, p.179), a atitude linguística é “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por estar centrada e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade [...]”. Portanto, as atitudes por serem norteadas por um comportamento psicossocial acabam também forjando comportamentos positivos ou negativos. Giles (1982), Coupland (2007) e também Fernández (1998), acreditam que uma única variável linguística pode ser objeto de atitudes, dependendo do grupo e do lugar em que a interação ocorreu.

Chacon (2012), em sua dissertação de mestrado, também argumentou o papel verticalizado dos micropoderes no discurso, como mecanismos de coerção e redirecionamento às atitudes. Chianca (1999, apud CHACON, 2012, p. 41) complementa, afirmando que “o sotaque desempenha uma função identificadora, permitindo reconhecer sociológica e culturalmente um sujeito falante”. Na voz das autoras, o sotaque é a materialização da identidade de um povo, e que devido também às trocas interculturais e intersubjetivas, essa identidade linguística pode passar por ressignificações.

## **1.1 Dimensões das atitudes linguísticas**

A grande discussão teórico-metodológica em torno das atitudes no cenário da sociolinguística está quase sempre vinculada à maneira como se obtém e como se acessa as atitudes. Segundo Lopes (2015, p. 20), a sociolinguística tem muito interesse no nível social, regional e étnico da variação e pouco interesse na forma como a variação é percebida, processada e codificada pelo ouvinte. Por outro lado, a variabilidade da fala quase nunca é pensada nas suas duas interfaces – a partir de quem produz e de quem percebe.

Alguns questionamentos são comumente feitos nos estudos das atitudes linguísticas, como por exemplo: como os ouvintes utilizam as informações de um sinal de voz para identificar a origem de um locutor? Quais os tipos de informação que ajudam a codificar que um falante é de um dialeto? Como essa informação é usada na percepção de fala e no processamento da linguagem? Como a experiência linguística com falantes de vários dialetos afeta a capacida-

de do ouvinte para discriminar, identificar ou descrever as variedades linguísticas diferentes? (CLOPPER, PISONI *apud* LOPES, 2012).

Estes questionamentos foram fundamentais para que se compreendessem as atitudes como um fenômeno interdependente da consciência social, dialetal e cultural; da percepção dialetológica, e, portanto, da *competência dialetal* – atribuída aqui como um uma capacidade linguístico-perceptiva subordinada à discriminação, manipulação, ativação de conhecimento metalinguístico e consequentemente orientando a um determinado comportamento linguístico.

De modo geral, a maior parte dos estudos em percepção de dialetos teve como objetivo a compreensão sobre a capacidade humana em categorizar dialetos a partir da identificação regional, de etnia, gênero, classe social, comunidades de prática e também estudos em acomodação dialetal (NIEDZIELSKI, 1999; CLOPPER, PISONI, 2004b; GARRET, 2010).

Se hoje podemos compreender as atitudes linguísticas como um fenômeno fluído e de difícil acesso, é porque muitos estudos sobre o julgamento de atitudes foram feitos ora com o objetivo de entender a produção do sujeito ora com a finalidade de compreender quem avalia este sujeito produtivo. Assim, por muitos anos, foram elaboradas metodologias experimentais para o estudo da percepção de fala, que teve início com os estudos de Preston (1989), com a técnica *Matched Guise*. Outros métodos também foram importantes no avanço dos estudos das atitudes, tais como a imitação dialetal proposta por Markham (1999) e as tarefas de categorização e identificação dialetal propostas por Clopper & Pisoni (2004b).

Mas afinal, o que leva uma pessoa ao identificar e perceber diferenças linguísticas, julgar o seu interlocutor? Na sociolinguística, sobretudo no tocante aos aspectos fonético-fonológicos, Wolfram & Schilling (*apud* Lopes, 2015) afirmam que a capacidade humana em distinguir uma grande variedade de sons, incluindo os presentes na fala espontânea, pode levar o falante-avaliador a tomar decisões a partir do protótipo de fala esperado por quem avalia (escuta).

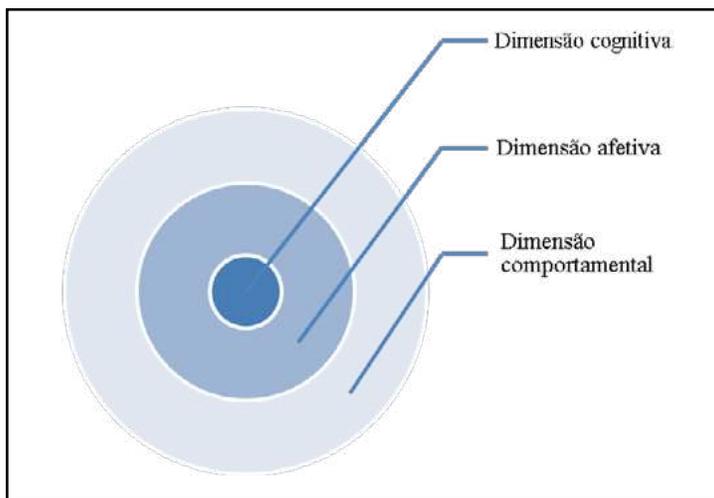
Outra crítica que é bastante feita aos estudos em abordagem direta, é que pouco se sabe ou se tem certeza sobre o tipo de julgamento feito a partir do discurso do falante. Isto é, não é uma garantia de que o falante ao discursar sobre tópicos do dia a dia, ou falar e avaliar de modo mais amplo sobre o dialeto de contato tenha consciência e percepção dialetal.

Grosso modo, os estudos em abordagem direta têm acesso direto às atitudes a partir de uma metodologia comparativa entre o que se “fala e avalia” do que se “produz”. Isto é, na assunção dos estudos diretos, o falante tem mais ou menos consciência sobre o que está sendo perguntado. Enquanto nos estudos de abordagem indireta, os colaboradores não têm consciência sobre o que está sendo avaliado; há também menos estratégias de minimizar a desejabilidade e

a concordância social; os aspectos sobre crenças, estereótipos e preconceitos linguísticos são avaliados a partir de tarefa força; mas por outro lado, quase não há espontaneidade de fala e participação autoavaliativa, isto é, do sujeito falar sobre sua história e vivência na língua.

No esquema 1, é possível visualizarmos as dimensões das atitudes linguísticas propostas por Lambert (1964):

Esquema 1



De modo geral, segundo Lambert (1999), as atitudes possuem três níveis básicos de funcionamento, como mostra o esquema 1: o nível primário, também chamado de nível cognitivo. Este é o nível mais próximo do estímulo recebido pelo ouvinte, pois é nele que as condições neurobiológicas subjacentes à capacidade cognitiva que o indivíduo tem para memorizar, contrastar, perceber e discriminar. É neste nível cognitivo que encontramos o psiquismo na linguagem, isto é, é nele que se constrói a consciência linguística, o ramo axiológico. Desta forma, é neste nível que encontramos as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala, visto que é neste nível que repousa toda uma consciência de valor atribuída à linguagem.

O segundo nível é o campo afetivo, que para Lambert (1999), está inter-relacionado e, de certa forma, amalgamado ao campo primário. Neste segundo nível encontram-se as atribuições de valor a partir das emoções que são atribuídas (in)conscientemente ao campo cognitivo. Ou seja, ao ouvir um registro linguístico que me remonte a um pensamento desagradável, o sujeito está atribuindo emoções à consciência linguística que ele tem sobre determinada variedade. Neste nível, o sujeito faz especulações valorativas acerca da língua, como a atribuição de um falar “correto” “agradável” ou até “caipira”. De certa

forma, podemos dizer que o nível afetivo é estimulado e retroalimenta o campo primário.

Por fim, Lambert (1999) postula como o terceiro nível das atitudes, o *comportamento*. É importante salientar que por comportamento linguístico, não podemos entender causalmente como a materialização de um registro linguístico previamente em contato ou treinado. O comportamento nos estudos de abordagem direta é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Porém, em estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes.

De modo geral, podemos compreender este nível de duas formas: em estudos de acomodação dialetal, onde falantes móveis e não móveis migram de uma região para outra, acontecendo o fenômeno de dialetos em contato. É possível verificar em muitos estudos de acomodação linguística, que a convergência linguística é também motivada pela autoavaliação e pela avaliação do dialeto em contato. Desta forma, muitas vezes o nível comportamental é a maior prova de influência das atitudes para uma escolha linguística. Por outro lado, ao avaliar um material de fala, seja sobre consciência dialetal, categorização de dialetos, imitação de dialetos ou até mesmo em fala com suavização de sotaque nos estilos da comunicação social. O fato é que o sujeito é condicionado a escolher opções, estimulando os campos cognitivo e afetivo, mas não o produtivo (comportamental).

## 2. METODOLOGIA

Para a condução da análise deste estudo, escolhemos alguns trabalhos acadêmicos do cenário brasileiro dentre as variedades do português brasileiro e tendo como ponto de partida os estudos em dialetologia ou que fizessem uso de atribuições dialetais para a observação da mudança de produção ou perceptiva em comunidades de prática.

## 3. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Na tese de doutorado do pesquisador Lopes (2012), verificou-se que os ouvintes perceberam reais diferenças entre a presença de características da fala regional quando comparada ao sotaque suavizado, tanto para cada variável linguística estudada, como de forma geral ( $p < 0,0001$ ) (LOPES, 2012).

Segundo Lopes (2012) a pergunta “percebe ou não percebe diferenças”, não quer dizer necessariamente, que dê conta de explicar quais variáveis são ou não salientes. Tampouco indicam pistas indexical de diferentes estilos de

fala. Se ouvintes percebem ou não as variações de uma língua, eles podem usar esse conhecimento de forma consciente ou inconsciente para discriminar e atribuir valor ao que é mais ou menos saliente.

Na pesquisa os ouvintes ainda preferiram uma fala sem características de sotaque regional na fala dos telejornalistas, de forma geral e para cada variável em estudo ( $p < 0,0001$ ). Dessa maneira, os ouvintes tinham atitudes mais positivas quanto ao sotaque que não palatalizasse a /S/ em posição de coda medial, como em [mis'tɛriws]; não ocorrência de monotongação, como em ['kajʃa], ['pejʃis] e [ʃe'gow], embora acredito que esse fenômeno dependendo do tipo de juiz pudesse não ser tão saliente; palatalização da dental, como em ['dʒias] e dentre outros exemplos com outras variáveis citadas na pesquisa.

É interessante questionar as atitudes dos ouvintes de maneira subjetiva, já que as marcas dialetais preferidas por eles são distintas do padrão falado na região onde vivem. Podemos deduzir que, para essas escolhas, os ouvintes têm expectativas e/ou preconceitos (LOPES, 2012, p. 88) quanto ao estilo de fala, no caso do telejornalista, que talvez, para os ouvintes, forneça uma função social de “maior” prestígio, portanto, um falar mais suavizado seria ideal para esse estilo de comunicação.

Lopes (2012) atenta para o fato de que essa escolha também diz respeito às referências que estão armazenadas no inconsciente, que ao se materializar em atitude, gera imediatamente uma comparação e saliência ao que esperamos ouvir da fala de um telejornalista. Clopper e Pisoni (*apud* LOPES, 2012, p. 94) afirmam que “geralmente os julgamentos sobre categorias dialetais, correspondem a estereótipos sociais associados a grupos que representam uma variedade linguística”.

Quanto à associação entre a preferência e a atribuição de atitudes (negativa, positiva e indiferente) para a fala do apresentador, a pesquisa revela que a palatalização do /S/ em coda medial é de ( $p < 0,0001$ ), monotongação ( $p < 0,0001$ ), harmonização vocálica ( $p < 0,0001$ ), palatalização das dentais ( $p < 0,0001$ ) e assimilação da dental ( $p = 0,0052$ ) e as atitudes linguísticas estudadas.

Percebemos que a contribuição de Lopes (2012) é relevante não apenas pela escassez de estudos em variação dialetal (sotaque) em consonância com a fonoaudiologia, mas também por tratar de questões de construção de estereótipos e preconceitos através de atitudes quanto à maneira que alguém fala em determinado contexto ou situação comunicativa.

No estudo de Chacon (2012), que teve por objeto a acomodação do segmento /s/ antes de /t/ e /d/ por paulistas residentes em João Pessoa. Com a ajuda do *software GoldVarbX*, foram detectadas 730 ocorrências, das quais 254 foi a quantidade de aplicações do fenômeno, correspondendo a um per-

centual de 34,8% de palatalização das fricativas, e 476 ocorrências dão conta de 65,2% da não palatalização do fenômeno, ou seja, da não acomodação ao dialeto paraibano.

Já No estudo de Lima (2013), que avaliou a acomodação do /s/ por falantes pessoenses em Recife. Os dados de atitudes comparados com os de produção revelaram que os falantes tinham certo incômodo com a grande ocorrência dos chiados na fala dos recifenses e os categorizam negativamente quando comparados a outros pernambucanos. Há também aqueles que tentam se “policiar” quanto à maneira de falar, pois acreditam que a fala é marca identitária, e a melhor forma de sermos “nós” mesmo é recrudescendo nossa fala.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este trabalho definiu-se como uma reflexão sobre estudos voltados às atitudes linguísticas e sobre os processos que podem acentuar o fenômeno de acomodação dialetal. Estudos como estes aqui (re)visitados já apontavam para que quando a sociedade é capaz de perceber mudanças linguísticas, começa a atribuir valores (positivos ou negativos) com relação às formas de variação, sendo essa autoavaliação um indicador do contraste de “onde vim” e “onde estou”.

Na tese de doutorado de Lopes (2012) fica claro que o telespectador faz julgamentos acerca do padrão de locução os repórteres locais, podendo ou não eles apresentarem marcas regionais. As atitudes negativas quanto às variedades estudadas dizem respeito mais estilo, pois são criadas expectativas quanto à maneira que achamos mais convenientes ao gênero jornalístico de comunicação.

As dissertações de Chacon (2012) e Lima (2013) reforçam a tendência à palatalização, de grupos que já palatalizavam o contexto de /S/ em posição de coda medial, e apenas aumentaram a incidência desse fenômeno, e de grupos que não compartilhavam com essa marca, mas que também assimilaram tais traços. Também apontaram em suas pesquisas, como já se esperava, as variáveis de controle *idade*, *sexo*, *estilo* e, sobretudo, *tempo de exposição*, como variáveis vitais à acomodação linguística.

Por fim, acreditamos que as atitudes (aspectos psicossociais) delineiam e acentuam o fenômeno de acomodação. São, portanto, respostas às diferenças perceptuais de variantes presentes em dialetos distintos. Questões históricas, culturais, de reafirmação, integração e interação em grupos, geram também um reforço à acomodação, visto que a língua tem bases cooperativas, portanto, quanto menos diferenças existirem no ato dialógico, mais próximos os usuários dessa língua se serão uns dos outros.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V.A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: *Estudos Linguísticos*, v. 37, n. 2, p. 105-12, 2008.
- CHACON, Karoline de Albuquerque. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 118p.
- CLOPPER, C.G.; PISONI, D.B. The nationwide speech project: a new corpus of American English dialects. *Speech Communication*, v.48, p.633-44, 2006.
- CLOPPER, C.G.; PISONI, D.B. Effects of talker variability on perceptual learning of dialects. *Language and Speech*, v.47, n.3, p.207-39, 2004a.
- CLOPPER, C.G.; PISONI, D.B. Perception of dialect variation: some implications for current research and theory in speech perception. In: *Research on Spoken Language Processing*. Indiana: Indiana University, 2002. 271-289.
- CLOPPER, C.G.; PISONI, D.B. Some acoustic cues for the perceptual categorization of American English regional dialects. *Journal of Phonetics*, v.32, p.111-40, 2004b.
- FERNÁNDEZ, F. M. *Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.
- GILES, H.; HENWOOD, K.; COUPLAND, N.; HARRIMAN, J.; COUPLAND, J. Language attitudes and cognitive mediation. *Human Communication Research*, v.18, p.500-27, 1992.
- GILES, H. et al. *Dimensions of welsh identity*. *European Journal of Social Psychology*, 7,29-39, 1973.
- LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madri: Cátedra, 1983 [1972].
- \_\_\_\_\_. *Padrões Sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAMBERT, W.E. *A Social Psychology of Bilingualism*. *Journal of Social Issues*. 1967. Abstract. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com>>. Acesso: 11 mar. 1999.
- \_\_\_\_\_. *The social psychology of bilingualism*. *Journal of Social Issues*, v.23, p.91-109, 1967.
- \_\_\_\_\_; GARDNER, R.C.; BARIK, H.C.; TUNSTALL, K. *Attitudinal and cognitive aspects of intensive study of a second language*. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v.66, n.4, p.358-68, 1963.
- LIMA, Izete de Souza. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por parai-banos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2013. 113p.
- LOPES, Leonardo Wanderley. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*. Tese (Doutorado em Linguística) João Pessoa: UFPB, 2012. 141p.
- OLIVA, M.A.A.; SERRANO, M.J. Towards a comprehensive view of variation in language: the absolute variable. *Language & Communication*. In press, 2011.
- TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Press, 2006.